

RESENHA

STECANELA, Nilda; FERREIRA, Pedro M. **Mulheres do campo e aprendizagens culturais de gênero**. Curitiba: CRV, 2015. 162p

Benedito Eugenio^(*)

É inegável que nos últimos anos os estudos de gênero vêm se ampliando no país e obtendo avanços consideráveis, tais como programas de pós-graduação específicos, a exemplo do PPG Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA); linhas de pesquisa sobre a temática em diversos programas de pós-graduação; grupos de trabalhos em associações científicas (ANPED, ANPOCS, ABEH); periódicos dedicados à divulgação de pesquisas sobre gênero (a exemplo do Cadernos Pagu, Revista Estudos Feministas, Caderno Espaço Feminino, Revista Feminismo, Revista Ártemis); eventos como Fazendo Gênero, Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade, Congresso Brasileiro de Estudos da Homocultura; publicações de livros, dissertações e teses.

Mesmo com essa ampliação, ainda carecemos de estudos que procurem desvelar outros sujeitos e temáticas articuladas às discussões de gênero. Um deles diz respeito às mulheres do campo. É exatamente à discussão sobre gênero e mulheres do campo que se dedica o livro aqui resenhado.

Organizado em quatro capítulos, o livro se propõe a “olhar para as aprendizagens de gênero nas identidades das mulheres do campo ao longo de três gerações e em contextos culturais marcados pela imigração de origem portuguesa, italiana e alemã” (p.145).

Logo na introdução os autores contextualizam o porquê do emprego da expressão mulher do campo e também situam os debates em torno dos conceitos de campo-cidade e urbano-rural.

Para compreender as aprendizagens de gênero de mulheres do campo, os autores recorrem à metodologia das entrevistas narrativas. Essa abordagem permitiu a construção de narrativas descritivas e reflexivas, conforme podemos verificar no decorrer dos três primeiros capítulos da obra. As entrevistas foram realizadas em três

^(*) Doutor em Educação (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: beneditoeugenio@bol.com.br.

comunidades marcadas pela imigração e localizadas no sul do Brasil e privilegiaram três grandes temas: trajetórias familiares, percursos de socialização e representações de gênero.

Foram entrevistadas mulheres pertencentes a três gerações em cada uma das comunidades selecionadas. Além disso, foram agregados aos dados as narrativas de 23 mulheres, recolhidas por meio de grupos focais em cada uma das comunidades pesquisadas e também levando em consideração os aspectos geracionais. Nos grupos focais foram contemplados os seguintes temas: a família e a organização do casal; as mulheres na sociedade; violência contra a mulher.

Para os autores (2015, p.19): “a realização de um grupo focal em cada uma das comunidades representativas das influências culturais da imigração italiana, alemã e portuguesa envolvendo mulheres de diferentes idades, permitiu ampliar a informação e a reflexão em torno das representações de gênero que perpassam as comunidades contempladas na pesquisa, observando similitudes e distanciamentos”.

Contrariando as formas habituais de apresentação dos dados de uma pesquisa, os autores optam por trazer inicialmente os dados e posteriormente os fundamentos teóricos que orientaram as análises. Assim, os três capítulos iniciais trazem as narrativas das colaboradoras e o quarto capítulo sistematiza as opções teórico-metodológicas e principais achados da investigação.

O capítulo 1 apresenta as narrativas das mulheres lusodescendentes. Inicialmente é situado o local em que as narrativas foram produzidas. Na sequência, são discutidas as percepções sobre as aprendizagens culturais de gênero das mulheres entrevistadas. Esses dados levam em consideração as questões geracionais. Assim, são apresentados os processos de socialização de cada uma das gerações. No último tópico do capítulo são apresentadas as narrativas recolhidas no grupo focal.

O capítulo 2 traz as narrativas das mulheres italodescendentes residentes na comunidade de Água Azul, distrito de Santa Lúcia do Piauí-Caxias do Sul. Após a descrição da comunidade, os autores apresentam as narrativas familiares, “encadeando as falas das três gerações e depois passa[m] a analisar as contribuições trazidas pela discussão promovida nos grupos focais” (2015, p.83).

O terceiro capítulo apresenta as mulheres teutodescendentes, também residentes no distrito de Santa Lúcia do Piauí. Para os autores (2015, p.117), “nos percursos das três gerações tomados nas entrevistas, é possível observar como os processos de socialização das mulheres desse espaço geográfico foram afetados pelas

características específicas da configuração familiar a que pertencem e de suas descendências”.

São apresentadas as narrativas de cada uma das mulheres das três gerações (denominadas Germana Mãe, Germana Filha e Germana Neta). Na sequência, são apresentados os dados do grupo focal realizado com quatro mulheres de mesma descendência.

O último capítulo apresenta os pressupostos teóricos de gênero que orientam as análises. Os autores levam em consideração tanto as contribuições tanto das teorias materiais quanto das discursivas acerca do gênero e reconhecem que “ a abordagem ao gênero, contudo, continua a ser múltipla, consoante focalize mais os aspectos estruturais ou os discursivos e simbólicos, mesmo que a questão essencialista seja ultrapassada pela adoção de uma posição construtivista” (2015, p.149).

Assim, reconhecem que o conceito de patriarcado ainda tem valor heurístico junto às discussões de gênero, embora reconheçam as críticas a ele efetuadas, principalmente devido ao fato de que

nunca a diversidade da categoria mulher (e homem) é explorada, suscitando a ideia de que as estruturas materiais da sociedade operam do mesmo modo para todas as mulheres e na produção de uma condição feminina comum. Apesar disso, não obstante, o termo patriarcado ter saído um pouco de circulação, a assunção segundo a qual homens e mulheres são socialmente construídos através das estruturas materiais e sociais mantém total validade na explicação das desigualdades de gênero (2015, p.152).

As análises dos autores apontam que a construção das aprendizagens de gênero são diferentes em cada uma das gerações: na primeira, pouca escolarizada, há uma submissão maior das mulheres; na segunda geração evidenciam-se processos de ruptura com o modelo muito marcado de submissão feminina, tendo as mulheres dessa geração um papel importante no processo de investimento na escolarização das filhas, elemento fundamental para a autonomia observada na geração seguinte. Já na terceira geração, com um processo de escolarização prolongada, há duas consequências no que diz respeito ao gênero: a importância da profissão e o adiamento dos projetos conjugais.

O livro aqui resenhado apresenta importante contribuição para os estudiosos de gênero, principalmente levando-se em consideração de que dispomos de poucas pesquisas que procuram conhecer as especificidades das mulheres do campo. Articulando os conceitos de gênero e geração, os autores nos permitem visualizar de

que forma as aprendizagens de gênero são transmitidas intergeracionalmente por meio da família e o papel da escolarização para a construção de percursos de autonomia por parte das mulheres do campo, fato observado nas narrativas das colaboradoras da terceira geração.